

# Brinquedos e diversões no estado de São Paulo: designações para estilingue a partir dos dados do Projeto ALiB

**Beatriz Aparecida Alencar**

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), Campo Grande,  
Mato Grosso do Sul, Brasil<sup>1</sup>

bia83\_12@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-3559-6559>

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.21165/el.v47i1.1999>

## Resumo

O contato com o lúdico ocorre a partir das experiências das crianças com os entretenimentos que, muitas vezes, revelam aspectos culturais que se refletem na norma lexical dos falantes. Considerando a influência que as brincadeiras promovem nos hábitos das pessoas, este estudo busca analisar as denominações para o conceito expresso na pergunta 157/QSL do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): “o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 34), examinando dados geolinguísticos de 48 localidades da rede de pontos do Projeto ALiB no estado de São Paulo (SP) e cidades limítrofes. O trabalho pautou-se em pressupostos teóricos da Dialetologia, Lexicografia, Semântica, Etnolinguística e Antropologia Linguística, buscando demonstrar a inter-relação entre léxico, cultura e história social do estado de São Paulo.

**Palavras-chave:** norma lexical; estado de São Paulo; estilingue; Projeto ALiB.

## Juguetes y diversiones en el estado de São Paulo: designaciones para honda [estilingue] a partir de los datos del Proyecto ALiB

## Resumen

El contacto con el lúdico ocurre en las experiencias de los niños con los entretenimientos que, muchas veces, indican rasgos culturales que están reflejados en la norma lexical de los hablantes. Considerando la influencia que los juegos ejercen en las costumbres de un pueblo, este estudio tiene como objetivo analizar las denominaciones para el concepto expresado en la pregunta 157/QSL del Proyecto Atlas Lingüístico de Brasil (ALiB): “el juguete hecho de una horquilla y dos tiras de goma” [“o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha”] (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 34), examinando los datos geolinguísticos de 48 localidades de la red de puntos del Proyecto ALiB en el estado de São Paulo (SP) y ciudades limítrofes. El estudio se basó en los parámetros de la Dialectología, Lexicografía, Semántica, Etnolinguística y Antropología Lingüística con objetivo de demostrar la interrelación entre léxico, cultura y historia social del estado de São Paulo.

**Palabras-clave:** norma lexical; estado de São Paulo; honda; Proyecto ALiB.

---

<sup>1</sup> Docente no IFMS e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Salienta-se que o estudo sobre os Jogos e Diversões Infantis integra a pesquisa que está sendo realizada pela autora em nível de Pós-graduação, sendo assim, os dados ainda se encontram em análise.

## Considerações iniciais

A importância dos entretenimentos na infância e, conseqüentemente, do lúdico, manifesta-se por meio de jogos e de diversões infantis que, por sua vez, revelam aspectos da cultura de uma comunidade de falantes, refletida na norma lexical desse grupo social. Tomando como referência essa relevância das brincadeiras infantis e sua influência nas relações sociais e no léxico de diferentes segmentos de uma sociedade, este estudo tem como objetivo analisar as denominações para o conceito expresso na pergunta 157/QSL/ALiB “o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha?”<sup>2</sup>, documentadas pelos pesquisadores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) nas 38 localidades da rede de pontos desse projeto situadas no estado de São Paulo, região Sudeste do Brasil. Além desses, examinam-se também as informações geolinguísticas coletadas em 10 cidades limítrofes localizadas na divisa de São Paulo com Mato Grosso do Sul (01), Paraná (03), Minas Gerais (04) e Rio de Janeiro (02), região considerada nesta pesquisa como área de controle (RIBEIRO, 2012)<sup>3</sup>.

Tendo em vista que as informações analisadas pertencem ao banco de dados do Projeto ALiB, os critérios para a seleção dos informantes do referido projeto são os seguintes: devem ser nascidos e criados na localidade pesquisada e filho de pais nascidos na mesma região linguística. Além disso, são consideradas as seguintes características: i) faixa etária: I (18-30 anos) e II (50-65); ii) sexo: masculino e feminino; iii) escolaridade: Ensino Fundamental completo nas cidades do interior e nas capitais, nestas em que se entrevistam também quatro falantes com Curso Superior completo.<sup>4</sup> Para este estudo, foram selecionadas e analisadas as gravações do projeto ALiB referentes aos pontos de inquéritos do estado de São Paulo e áreas limítrofes, computando um universo de 196 informantes, sendo quatro de cada cidade situada no interior e oito na capital paulista.

O estudo pautou-se em pressupostos teóricos da Dialetologia e da Lexicologia, ancorando-se também em fundamentos da Semântica, da Etnolinguística e da Antropologia Linguística, com vistas a analisar a inter-relação entre léxico, cultura e história social que singulariza o estado de São Paulo (SP), além de traçar possíveis áreas dialetais reveladas pelo uso das variantes lexicais documentadas como denominação do objeto contemplado pela pergunta selecionada.

Considerando que as brincadeiras estão relacionadas à cultura e aos hábitos de uma população, a pergunta foi eleita devido ao alto número de respostas obtidas na pesquisa e também porque o estilingue ainda é um objeto bastante conhecido pelas pessoas.

Cabe informar que o estilingue tem utilização bastante antiga. Câmara Cascudo (2012, p. 116), por exemplo, ressalta que era “[...] o velho arco de pelouros português, arc-á-balle, Pellet Bow, Tonkugelbogen, vindo do arcus balista romano”. O objeto foi

---

<sup>2</sup> Pergunta 157 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), área semântica Jogos e Diversões Infantis (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).

<sup>3</sup> Ressalte-se que a área considerada de controle busca identificar o comportamento das nomeações nas delimitações geográficas (interestaduais), ou seja, se os limites territoriais influenciam ou não o modo de as pessoas nomearem o objeto em pauta. Considerando a pesquisa de Ribeiro (2012), a área de controle foi adotada neste estudo como conceito, pois sua aplicação foi reformulada.

<sup>4</sup> Cf. metodologia e demais informações sobre o Projeto ALiB disponíveis no *site* do projeto: [www.alib.ufba.br](http://www.alib.ufba.br). Acesso em: 20.ago. 2017.

utilizado como um instrumento de defesa pessoal, um armamento. “[...] Passou o nome do projétil à arma que, apenas em 1498, foi retirada do serviço ativo militar da Península Ibérica e pouco antes na França, Itália, Inglaterra. Continuou como arma popular para animais de menor porte e aves” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 116). No continente americano, também foi usado como arma, segundo se registra em Staden (1930, p. 36), em *Viagem ao Brasil*: “Já o Sr. Langsdorff havia mencionado tal tipo de arco, visto por ele em Santa Catarina, encontramos-lo em todo esse litoral e, no Rio Doce, até os adultos o empregam contra os Botocudos, quando não têm armas de fogo”.

O caráter de objeto de ataque/defesa ainda é salientado por Ortêncio ao afirmar que “estilingue é arma: arma de moleque! Um bom moleque teria de ter o seu estilingue dependurado no pescoço ou no bolso” (ORTÊNCIO, 2004, p. 101).

No Brasil, desde 2005, promulgou-se uma legislação do Inmetro<sup>5</sup> (Portaria nº 108, de 13 de junho de 2005) que considera como não brinquedo “estilingues, catapultas e arquearia, cujos arcos não tensionados superem a distância de 1,20m” (INMETRO, 2005).

## 1. Dados examinados

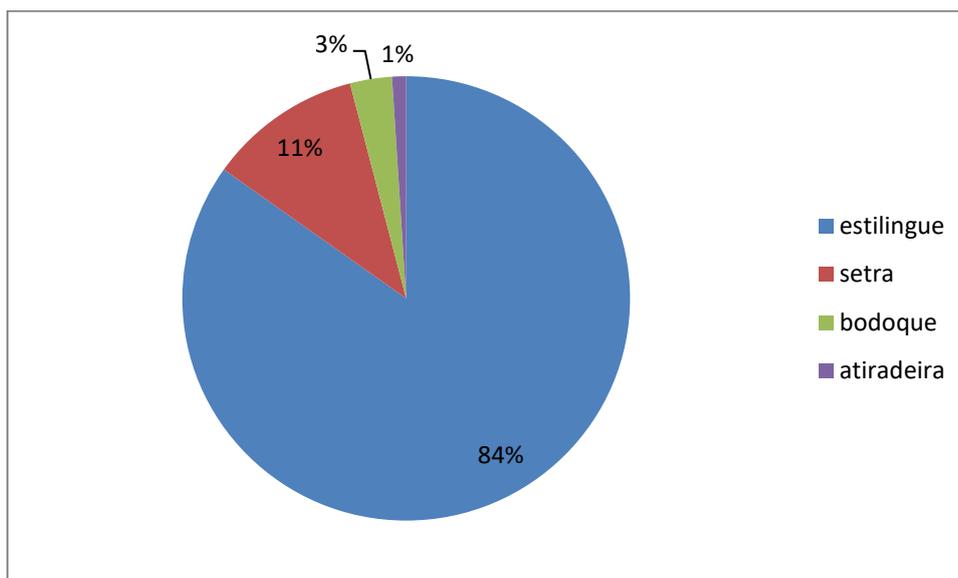
A pergunta “*como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha*” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 34) obteve cinco variantes como resposta, além das denominações únicas, num universo de 231 ocorrências<sup>6</sup>, listadas de acordo com a sua produtividade: *estilingue*, *setra*, *atiradeira*, *bodoque* e *garrote*. Apenas três informantes não forneceram resposta para a questão solicitada.

A seguir, é possível observar, no Gráfico 1, as unidades lexicais documentadas/produtivas e seus respectivos percentuais de ocorrência no conjunto dos pontos de inquéritos do território paulista.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.inmetro.gov.br/legislacao/rtac/pdf/RTAC000946.pdf>. Acesso em: 20. ago. 2017.

<sup>6</sup> Para fins de computação de frequência, as respostas obtidas foram agrupadas segundo critérios fonéticos e por associação. Assim, foram reunidas as seguintes unidades: i) estilingue (istilingue, estelingue, istelingue); ii) bodoque (budogue); iii) atiradeira (tiradeira, tirador, atirador) e iv) setra (seta).



**Figura 1 – Denominações para “o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha” e respectivo índice de ocorrência no interior de São Paulo**

**Fonte: Banco de Dados do Projeto ALiB (2017)**

Entre as respostas, destaca-se o alto percentual da variante *estilingue* e a proximidade de percentuais a partir da terceira designação mais produtiva<sup>7</sup>. Salienta-se que, apesar de apresentarem pouca diversidade, as nomeações se mostraram significativas ao serem consideradas as questões diatópicas. Por isso, as denominações consideradas válidas foram examinadas de acordo com as dimensões sociais e geográficas, como se pode visualizar na sequência deste texto.

## 2. Análise geossociolinguística

A análise das respostas fornecidas pelos informantes é apresentada de acordo com a produtividade de cada variante, em ordem decrescente.

### 2.1 Estilingue

O item lexical *estilingue* foi a denominação com maior número de ocorrências no cômputo geral das respostas fornecidas pelos entrevistados, documentados nas duas faixas etárias investigadas e em todas as localidades selecionadas para este estudo.

Na capital paulista, por exemplo, foi resposta unânime, indicada como única nomeação por todos os entrevistados. Também se verificou esse mesmo comportamento nas seguintes localidades<sup>8</sup>: i) estado de São Paulo: Votuporanga (151), São José do Rio Preto (152), Barretos (153), Franca (154), Araçatuba (156), Ribeirão Preto (157), Lins (158), Ibitinga (159), Mococa (160), Araraquara (163), Teodoro Sampaio (164), Marília

<sup>7</sup> No Gráfico 1, não foram computadas as outras denominações e a ocorrência de *garrote*, pois trata-se de resposta única no estado de São Paulo.

<sup>8</sup> A numeração indicada entre parênteses refere-se ao número da localidade na rede de pontos do Projeto ALiB.

(166), Bauru (167), Mogi Mirim (168), Assis (169), Bernardino de Campos (170), Botucatu (171), Campinas (173), Itanhaém (183) e Santos (184); ii) área de controle: Paranaíba/MS (114), Campina Verde/MG (137), Itajubá/MG (149) e Barra Mansa/RJ (205).

Essa presença de *estilingue* demonstra sua disseminação em todo o estado de São Paulo, situação que ultrapassa a variação diatópica e se estende às variáveis sociais, pois essa variante foi bastante produtiva nas duas faixas etárias<sup>9</sup> e sexos, atingindo os seguintes percentuais: i) faixa etária I (homem): 26%; ii) faixa etária I (mulher): 24%; iii) faixa etária II (homem): 25% e iv) faixa etária II (mulher): 25%. A pequena diferença entre os percentuais de produtividade desse item lexical entre homens e mulheres das duas faixas etárias demonstra que *estilingue* integra a norma lexical do grupo investigado. A seguir, examina-se a disposição dos dados referentes à unidade léxica *setra*.

## 2.2 Setra/seta

A variante lexical *setra* foi a segunda denominação mais produtiva, sendo registrada nas localidades paulistas de Bragança Paulista (174), Taubaté (175), Itapetininga (177), Sorocaba (178), Itararé (181), Capão Bonito (182), Ribeira (185) e Registro (186). Já em relação à área de controle, ocorreu apenas no estado do Paraná, em Tomazina (211) e Adrianópolis (216), fornecida por todos os informantes de ambas as localidades.

Os dados apontam para uma possibilidade de demarcação dialetal a partir do uso de *setra* em algumas localidades paulistas: Itararé (181); Itapetininga (177); Sorocaba (178), por exemplo, estavam situadas no caminho percorrido pelos tropeiros em São Paulo nos séculos XVIII e XIX.

A Figura 2, a seguir, contém um mapa do caminho das tropas que se deslocavam do Sul para o Sudeste do Brasil. O exame desses roteiros demonstra que o uso da variante *setra* coincide com os municípios de chegada dessas missões, nas localidades de: Itapeva e Sorocaba, indicadas pelos números 39 e 40, respectivamente.

---

<sup>9</sup> Recuperam-se as idades pertencentes às faixas etárias assinaladas: I (18-30 anos) e II (50-65 anos).

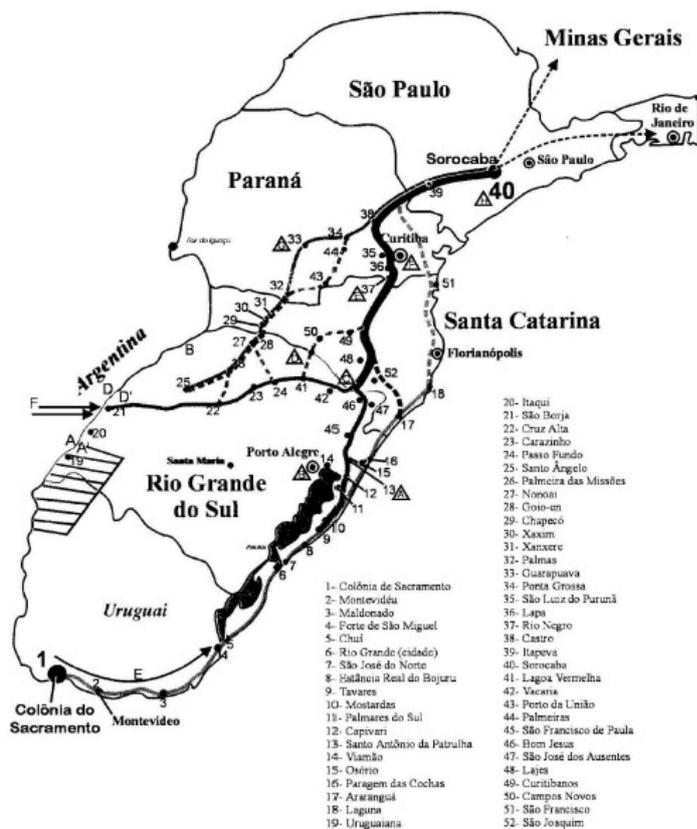


Figura 2. Imagem das rotas dos tropeiros ligando o Sul ao Sudeste brasileiro

Fonte: Paixão Côrtes (2000, p. 52)

Acredita-se que a ocorrência de *setra* nessas localidades paulistas possa ter sido influenciada pelo falar dos habitantes da região Sul do Brasil, já que as tropas iniciavam sua trajetória, pelo território do Rio Grande do Sul e seguiam pelos estados sulistas até chegar a SP, afirmação corroborada por outros elementos, a seguir apresentados:

- i) A indicação em Houaiss; Villar (2009): “setra s.f. Lud SC”, referindo-se à utilização dessa variante em Santa Catarina;
- ii) A representação de *setra* no Atlas Linguístico do Paraná<sup>10</sup> – carta 86 (AGUILERA, 1994), como a segunda variante mais produtiva, com percentual de ocorrência menor apenas em relação a *estilingue*.

<sup>10</sup> *Setra* está indicada como o círculo branco com contorno azul.

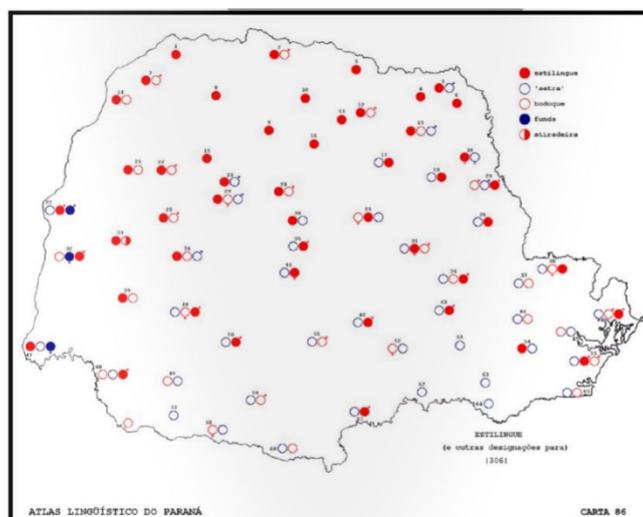


Figura 3. Carta 86 estilingue – ALPR

Fonte: Aguilera (1994)

iii) O registro de *setra* na Carta L19d do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014, p. 287), referente aos dados das capitais da região Sul, como a mais produtiva, seguida por pequena diferença de *estilingue* em Curitiba/PR.

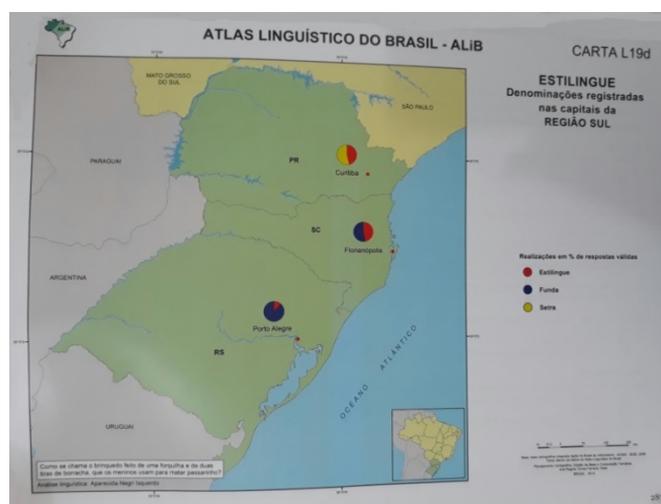


Figura 4. Carta L 19d – Região Sul

Fonte: Cardoso et al. (2014, p. 287)

Ainda em se tratando da variante lexical *setra* e considerando-se as variáveis sociais, é preciso pontuar que alguns informantes classificam essa variante como antiga, como se pode confirmar pelo excerto a seguir:

(01) INQ<sup>11</sup>. “E o setra, quem que usava?/INF.- Setra é mais antigo, né, era setra. Eu falo estilingue./ INQ.- E você falava quando criança?/INF.- Não, sempre foi estilingue, só que os meus vô falava setra” (Ponto 185 - Ribeira/Informante 01).

<sup>11</sup> As abreviações INQ e INF indicam, respectivamente, a fala do inquiridor (INQ) e a do informante (INF).

Corroborando a assertiva dos informantes, destaca-se que 65,39% dos registros de *setra* ocorrem entre informantes idosos, como é possível verificar na Figura 5:

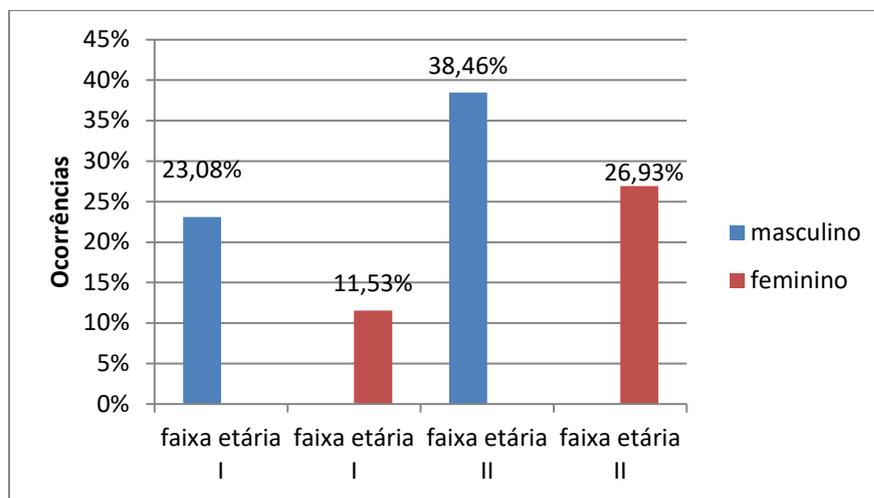


Figura 5. Realização de *setra* considerando as dimensões diassexual e diageracional

Fonte: Banco de Dados do Projeto ALiB (2017)

Em relação à área de controle, *setra* não foi obtida nos inquéritos referentes aos estados de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e São Paulo, bem como na localidade paranaense de Nova Londrina (ponto 207). Em continuação, discutem-se os dados referentes à unidade lexical *bodoque*.

### 2.3 Bodoque

*Bodoque* corresponde a menos de 5% das respostas fornecidas, tendo sido registrada apenas em algumas localidades do interior paulista: Adamantina (162), Cananéia (187), Piracicaba (172), Presidente Prudente (165), Guaratinguetá (176) e Jales (150). Na área de controle, foi documentado em: Nova Londrina (207) e Poços de Caldas (147).

Em relação à dimensão social, *bodoque* está presente, majoritariamente, na fala dos mais velhos e dos informantes do sexo masculino. Manifestando-se sobre sua preferência pela unidade léxica *bodoque*, a informante feminina de faixa etária II de Presidente Prudente (165) assim se posiciona:

(03) “INF.- Ai tem outro nome, mas agora num tô lembrada./INF.- Bodoque que eles fala. Os antigo<sup>12</sup>.” (Informante do sexo feminino, faixa etária II).

<sup>12</sup> A variante *bodoque* não foi validada como resposta desse informante em virtude de ele ter se reportado à fala dos “antigos”.



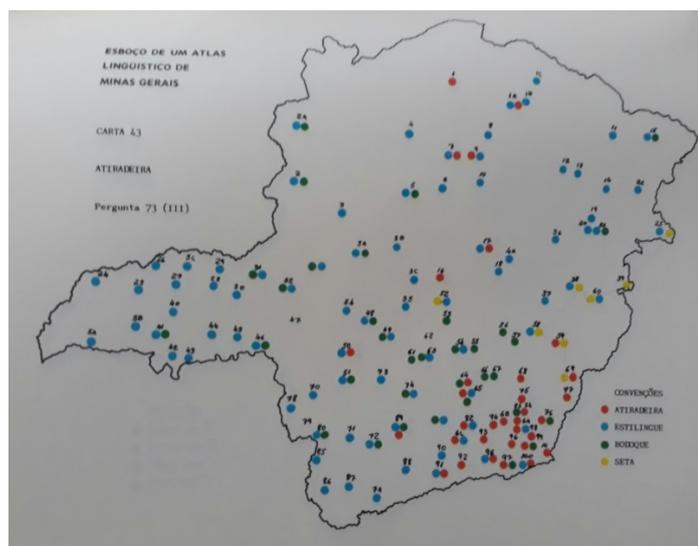


Figura 7. Carta 43 - atiradeira – EALMG

Fonte: Ribeiro *et al.* (1977)

A análise de *atiradeira*, segundo as dimensões diassexual e diageracional, demonstra maior produtividade dessa variante entre os idosos, pois foi a unidade léxica mais produtiva entre os informantes da faixa etária II, com mais de 85% de ocorrências, e também é mais utilizada pelos informantes do sexo feminino.

Haja vista os percentuais expressos, que revelam que *atiradeira* teve a preferência dos falantes da faixa etária II (considerando o universo deste estudo), e seu registro em apenas dois pontos de inquérito no estado de São Paulo, a variante configura-se como uma forma de pouco uso no falar paulista. No próximo tópico, são discutidos os dados referentes à unidade lexical *garrote*.

## 2.5 Garrote

Apenas dois informantes forneceram essa variante como nome para o objeto comumente conhecido como *estilingue*. Essas ocorrências foram registradas em Caraguatatuba/SP (180) e em Passos/MG (140), distantes entre si. Ademais, tendo em vista também as dimensões sexual e etária, observou-se que não há uniformidade entre essas variáveis, posto que as respostas foram fornecidas por informantes com perfis distintos: homem, faixa etária I (Passos/140) e mulher, faixa etária II (Caraguatatuba/180).

## 2.6 Outras denominações

Como outras denominações, foram obtidas as variantes *caça-passarinho*, mencionada apenas pelo informante do sexo feminino, faixa etária I, de Bragança Paulista (174) e *funda*, citada pelo informante do sexo masculino, faixa etária I, de Registro (ponto 186)<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Ainda se registrou as ocorrências de *pelotia*, *passarinha*.

### 3. Análise léxico-semântica

Para subsidiar a análise léxico-semântica das denominações obtidas, foram consultados dicionários de Língua Portuguesa. São eles: i) gerais antigos: Silva Pinto (1832), Figueiredo (1899) e Freire (1940); ii) gerais contemporâneos: Houaiss (2002), Borba (2004), Aulete (2006), Ferreira (2010), além de um iii) etimológico: Cunha (1986)<sup>15</sup>.

Além de dicionários de língua, foram ainda utilizadas como fontes algumas obras que versam sobre o folclore brasileiro, como: o *Dicionário do Folclore Brasileiro* (CÂMARA CASCUDO, 2012) e a *Cartilha do Folclore Brasileiro* (ORTÊNCIO, 2004), com o objetivo de serem consultadas informações complementares sobre as denominações analisadas.

Após a consulta aos materiais especificados, notou-se que algumas das unidades léxicas em análise ou não estão dicionarizadas ou estão com acepção distinta da contemplada pela pergunta 157 (QSL/ALIB). A seguir, no Quadro 1, são apresentadas designações que contemplam a descrição solicitada na pergunta ou possuem traços comuns ao objeto em questão.

**Quadro 1.<sup>16</sup> Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam “o brinquedo feito de uma forquilha e de duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 34)**

	Silva Pinto (1832)	Figueiredo (1899)	Freire (1940)
Atiradeira			
Bodoque	X	X	X
Caça-passarinho			
Estilingue		X	X
Garrote			
Setra <sup>17</sup>	X	X	X

**Fonte: Elaboração própria**

Comparando-se os Quadros 1 e 2 (a seguir), nota-se que os dicionários contemporâneos ampliam os registros de variantes para o referente em causa, em relação aos mais antigos.

<sup>15</sup> Esses materiais foram escolhidos por representarem dicionários mais antigos e/ou acessíveis de modo digital, que registram a antiguidade da unidade léxica, obras contemporâneas, por serem representativas no mercado editorial brasileiro e acessíveis na atualidade, além dos repertórios lexicográficos etimológicos, com o objetivo de verificar a possível origem das nomeações obtidas.

<sup>16</sup> Todos os quadros foram elaborados pela autora do texto com base nos dados registrados nos dicionários consultados.

<sup>17</sup> As entradas foram grafadas de forma diversa, como é o caso de *setta* registrada em Silva Pinto (1832).

**Quadro 2. Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam “as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar” em obras lexicográficas contemporâneas**

Dicionários gerais contemporâneos				
Nome	Houaiss (2002)	Borba (2004)	Aulete (2006)	Ferreira (2010)
Atiradeira	X	X	X	X
Bodoque	X	X	X	X
Caça-passarinho				
Garrote	X	X	X	X
Estilingue	X	X	X	X
Setra	X	X	X	X

**Fonte: Elaboração própria**

Cunha (1986) registra *bodoque*, *estilingue*, *garrote* e *seta*. Já no que tange às obras que tratam do folclore, há a menção das unidades léxicas *atiradeira*, *bodoque*, *estilingue* no *Dicionário do Folclore Brasileiro* (CÂMARA CASCUDO, 2012) e de *bodoque* e *estilingue* na *Cartilha do Folclore Brasileiro* (ORTÊNCIO, 2004).

Informa-se que duas unidades léxicas diferem-se das demais, porém se relacionam de algum modo com o objeto em estudo: *caça-passarinho* e *garrote*. A primeira não está dicionarizada e a segunda não possui acepção coincidente com o solicitado pela questão 157 (QSL/ALiB). No caso da primeira, julga-se que o informante tenha relacionado o objeto com a função que lhe é atribuída, mas no caso de *garrote*, supõe-se que tenha sido indicada por associação do item com uma das partes que o compõem, no caso, a borracha. Isso porque, segundo Aulete (2006), *garrote* designa: “4. Torniquete us. para estancar hemorragia, como medida de urgência, ou para tornar saliente veia que receberá medicação ou de que se retirará sangue para exame: ‘[...] estendeu o braço ao garrote e à agulha...’ (Antônio Callado, Bar Don Juan.)”.

Na sequência, as unidades léxicas produtivas como resposta são focalizadas em termos de dicionarização, iniciando-se sua apresentação pelas obras mais antigas.

A unidade lexical *estilingue*, por exemplo, foi registrada em dois dicionários antigos consultados: Figueiredo (1899) e Freire (1940). No primeiro, é definida como: “m. Bras. Arma de arremesso, bodoque para caçar pássaros. Espécie de funda de elástico”, enquanto no segundo recebe a acepção de “s. m<sup>18</sup>. Arma de arremesso destinada a matar passarinhos”.

Já a dicionarização de *bodoque* e *setra* pode ser visualizada no Quadro 3:

<sup>18</sup> Constam duas grafias: *estilingue* e *estilingue*.

**Quadro 3. Dicionarização das unidades léxicas *bodoque* e *setra* em dicionários gerais antigos<sup>19</sup>**

Dicionários	Acepção	
	Bodoque	Setra
Silva Pinto (1832)	“Bodoque: s.m. Arco com duas cordas e huma rede para atirar com balas de barro”.	“Setta: s.f. Haste com ponta lisa, ou farpada, que se dispara com arco. O ponteiro do relógio, consetallação, que confina com a Via Láctea”.
Figueiredo (1899)	“m. Ant. Bola de barro, que se atirava com besta. Bras. Arco, para atirar frechas ou bolas de barro. Funda de elástico, com que brincam crianças; estilingue. (Ár. bondoque)”.	“f. Haste de madeira, armada com ferro, a qual se atira por meio de um arco ou besta; frecha. Ponteiro, que indica as horas nos relógios. Sinal, em forma de seta, que mostra a direcção em que se podem mover os ponteiros do relógio, quando é preciso alterar-lhes a posição. Planta alismácea. Constelação, junto da Via Láctea. Fig. Violência de um acto ou de um sentimento. Dito satírico. Veter. Rodopelo, junto da base da cauda dos cavalos (Cast. saeta, do lat. Sagitta)”.
Freire (1940)	“s.m. Ár. bondok. Arco com duas cordas e uma rêde ou couro no meio da qual se põe a bola de barro, pedra ou chumbo, com que se atira.   2. Ant. bola de barro ou chumbo com que se atirava com a besta”.	“s.f. Cast, saet, do lat. Sagitta. Frecha que serve para ser atirada por meio do arco.   2. Objeto que tem a forma de uma flecha.   3. O ponteiro que marca as horas nos relógios.   4. Palavra ou dito que fere a suscetibilidade de outrem, que afeta a alma ou que a impressiona.   5. A fôrça ou violência de um sentimento, de uma paixão.    6. Astron. Constelação próxima da Via Láctea.    7. Bot. Planta da família das alismáceas, também chamada flecha (Sagittaria sagittifolia).    8. Um dos nomes da atiradeira; peteca”.

*Atiradeira*, por seu turno, não está documentada nos dicionários do século XVIII e XIX como verbete. Em relação aos dicionários contemporâneos, nos Quadros 4 e 5 são elencadas as acepções atribuídas às quatro unidades léxicas analisadas segundo Houaiss e Villar (2009) e Ferreira (2010).

**Quadro 4. Dicionarização das unidades léxicas obtidas em Houaiss e Villar (2009)**

Nome	Acepção
Atiradeira	“s.f. (1939) LUD B arma ou brinquedo infantil pra arrojear pedras ou objetos afins, de dimensões reduzidas, que consiste numa funda de material elástico, ger. borracha, presa às extremidades da bifurcação de uma pequena forquilha de madeira, plástico ou metal ETIM rad. do part. Atirado+-eira SIN/VAR badogue, badoque, baladeira, baleeira, beca, bodoque, estilingue, funda, peteca, seta, setra”.
Bodoque	“s.m. (1712) 1. ant. pelota de argila cozida que se arremessava com certo tipo de besta. 2.p.ext.ant. besta us. para arremessá-la. 3. B m.q. atiradeira. 4. ETIM gr. Pontikón (káruon), ‘(noz) pântica, através do ár. Bunduq ‘noz, avelã, bolota, bala de pedra ou barro para espingarda ou atiradeira’. SIN/VAR badogue (acp. 3), badoque; ver tb. Sinonímia de atiradeira”.
Estilingue	“s.m (a1928) B arma de arremesso constituída de uma forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingueta de couro, com que se lançam pedras para matar pássaros, atiradeira, bodoque. ETIM orig. obsc.”
Setra	“setra s.f. Lud SC infm.m.q. ATIRADEIRA. ETIM prov. alt. de 'seta”.

Fonte: Elaboração própria

<sup>19</sup> Século XVIII e XIX.

**Quadro 5. Dicionarização das unidades léxicas obtidas em Ferreira (2010)**

Nome	Acepção
Atiradeira	“[Fem de atirador] S.f Bras Forquilha de madeira ou de metal, munida de elástico, com que se atiram pequenas pedras, e usada geralmente por crianças para matar passarinho. [Sin. (em vários pontos do Brasil): baladeira, beca, bodoque, badoque ou badoque, estilingue, funda, peteca, seta, setra]”.
Bodoque	“[Do gr. pontikón i.e, pontikón káryon, ‘noz do Ponto. Avelã’ atr. De avelã.] S.m. 1 Bras. Arco para atirar bolas de barro endurecidas ao fogo, pedrinhas, etc. 2. Qualquer dessas bolas. 3. Bras. Ver atiradeira”.
Estilingue	“Forquilha de madeira ou metal munida de elástico com que se atiram pequenas pedras”.
Setra	“[Do lat. sagitta pelo arc. saeta, saeta]. S.f 1 Haste de madeira, guarnecida de uma ponta de ferro, e que se arremessa por meio de um arco ou besta; flecha. 2. Sinal em forma de seta (1) indicativo de direção. 3. Ponteiro de relógio. 4. Qualquer pelo delgado e longo. 5. Fig. O que se desloca com muita velocidade, rapidez. 6. Fig. Palavra ou dito que fere a suscetibilidade ou a honra de outrem: as setas da calúnia. 7. Dito sarcástico: Seguro de si, respondeu com uma seta à provocação dos presentes. 8. Aquilo que tem efeito penetrante: Irado, seus olhos eram duas setas. 9. Astr. Constelação boreal de pequena área, ao S. da Raposa e ao N. do Delfim e da Águia. 10. Bras. V. atiradeira”.

**Fonte: Elaboração própria**

O conteúdo dos Quadros 4 e 5 demonstra que as unidades léxicas *estilingue*, *setra*, *atiradeira* e *bodoque* estão dicionarizadas em obras lexicográficas contemporâneas com a mesma acepção expressa na pergunta 157 (QSL/ALiB): *o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho*.

O estudo realizado demonstrou que o informante, quando questionado sobre o nome do “brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho”, teve pouca dificuldade em nomear o conceito expresso, uma vez que apenas três deles não souberam responder. Além disso, a pouca diversidade de respostas confirma a tendência de desaparecimento ou desuso do brinquedo na contemporaneidade, agravado pela urbanização e também pelo aspecto danoso de seus resultados destacado por entidades de proteção aos animais.

Em relação às formas mais produtivas, cabe destacar o predomínio de *estilingue* na área de pesquisa, resposta coincidente com os dados nacionais expressos na carta L19 do ALiB (CARDOSO et al., 2014, p. 286). Os itens lexicais *setra*, *bodoque*, *atiradeira* também foram cartografados no volume 2 do ALiB, porém, apenas *badogue* figurou na capital de São Paulo<sup>20</sup>. Isso demonstra que nenhuma das quatro variantes lexicais mais produtivas indica inovação, se comparados os dados ora em análise àqueles das capitais brasileiras, sobretudo as da região Sudeste, a carta L19c do Atlas Linguístico do Brasil.

A seguir, apresentamos informações fornecidas pelos informantes acerca do uso das variantes em exame:

1º) Os dados confirmam consenso quanto ao uso de *estilingue* pela maioria dos informantes das localidades analisadas.

Já as demais variantes despertaram olhares distintos dos falantes:

<sup>20</sup> Cabe registrar que *badogue* foi cartografada nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste; *atiradeira* nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste e *seta* nas regiões Sudeste e Sul do Brasil.

i) A variante *bodogue*: é usada segundo o informante da capital no interior do estado:

(04) INF. Estilingue, bodogue./ INQ: Isso. Qual que é o mais comum aqui?/INF.: Aqui é estilingue./INQ.: E quando, quando é que o senhor ouviu bodogue?/INF: Ah.. É no interiô que fala budogue, né? Aqui é mais estilingue. / (Ponto 179/Informante 03)

ii) A unidade lexical *bodogue* é usada por pessoas de outras regiões do Brasil, segundo o informante do interior de São Paulo:

(05) INQ. Quem que fala bodogue aqui?/ INF.- Aqui no estado de São Paulo é istilingue, agora... tem outras região que eles fala bodogue (Ponto 165/Informante 03).

iii) As unidades *bodogue* e *setra* são consideradas por determinados entrevistados como formas antigas. Soma-se à *setra* a informação de ser própria da zona rural.

(06) INF. Bodogue que eles fala. Os antigo./ (Ponto 165/Informante 04).

(07) INF. Antigamente, mais eu conhecia, por setra, falava: pega uma setra, eu sabia o que era, depois quando fui crescenô, fui mudano, falano istilingue, istilingue fui vê era a mesma coisa, né, a setra com o estilingue era a mesma coisa./ INQ.- E quem falava setra ?/ INF.-. Ah, no sítio, geralmente, a gente usava mais setra, qualquer coisa que queria pra tirá uma pedra, né, então fala: pega... pra panhá manga mesmo: pega setra (risos) a pedrinha e acerta na manga, então, depois que começô, istilingue, istilingue, né. Em venda, começô, ai, saiu em venda pra sê vendido, então era esteilingue. A gente no sítio falava muito setra (Ponto 178/Informante 04).

iii) Além das unidades lexicais documentadas como respostas para a pergunta em foco, um dos entrevistados mencionou *funda* como sinônimo de *estilingue*.

(08) INF.- Estilingue e... como que é...? O pessoal fala tamém como *funda* né? (Ponto 186/Informante 01).

## Considerações finais

Neste estudo, buscamos analisar, com base na questão investigada, as relações existentes entre o léxico, a cultura e a história social do estado de São Paulo, verificando ainda possíveis áreas dialetais que apresentassem semelhança quanto ao uso das denominações para o conceito solicitado.

De acordo com o exposto, destaca-se que *estilingue* foi a resposta mais produtiva em São Paulo, disseminando-se para todas as localidades investigadas e considerada por alguns informantes como uma nomeação mais moderna.

Quanto à *setra*, demonstrou-se que essa resposta está presente apenas em algumas localidades do interior paulista e paranaense (área de controle). Avalia-se que a denominação possa ter ocorrido como uma influência sulista em São Paulo, tendo em vista os municípios em que ocorreu, sobretudo considerando fatos históricos de caráter estadual/nacional (Rota dos Tropeiros), que vinculam a história social de São Paulo aos estados do Sul. Por isso, julga-se a unidade lexical *setra* como marca de conservadorismo na linguagem, avaliação amparada em dados já cartografados em Atlas Linguísticos (Paraná e Brasil – capitais). Ademais, considerando o ALPR<sup>21</sup> (1994) e comentários de informantes, é possível observar que *setra* ocorre com maior frequência entre a faixa etária II.

---

<sup>21</sup> As coletas de dados do ALPR são datadas da década de 1980.

Quanto às denominações *bodoque* e *atiradeira*, afirma-se que não há proximidade geográfica entre as localidades que apresentam essas unidades léxicas. Ao considerar a primeira, pontua-se que duas localidades em que ela se registrou encontram-se próximas à fronteira com Minas Gerais, porém em regiões diferentes do Estado. Ambas são identificadas pelos próprios informantes como antigas. Por sua vez, *atiradeira* figura no Rio de Janeiro (capital) e nos registros do EALMG (RIBEIRO et al., 1977) na Região da Mata, próxima aos cariocas.

Para a conclusão da análise, pontua-se que, nos processos de nomeação do referente analisado, há uma indissociável relação entre o léxico e a sociedade, já que “o léxico da língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes” (SAPIR, 1969, p. 45). Esse fato, conseqüentemente, faz com que o ser humano seja influenciado direta ou indiretamente por seus deslocamentos, ao levar também suas palavras aos locais em que fixa moradia. Por isso, o léxico é tão notável e traz elementos que culminam em revelar a relação entre o homem e o ambiente e, conseqüentemente, os espaços em que nasceu e vive ou acaba por habitar permanentemente.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. *Atlas Linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- AULETE, F. J. C.; VALENTE, A. L. dos S. *Aulete Digital: Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa*. Lexikon Editora Digital, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://auletedigital.com.br/>>. Acesso em: 20 maio 2015.
- BORBA, F. S. (Org.). *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CARDOSO, S. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Cartas Linguísticas. v. 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- CÂMARA CASCUDO, L. da. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Editora Global, 2012.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*. 2. ed. Londrina: EdUEL, 2001.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010.
- FIGUEIREDO, C. de. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Portugal-Brasil, 1899.
- FREIRE, L. *Grande e novíssimo dicionário da Língua Portuguesa*. v. IV. Rio de Janeiro: A noite Editora, 1940.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002. 1 CD-ROM.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INMETRO. *Regulamento Técnico Mercosul sobre segurança em brinquedos* – Portaria 108 de 13 de junho de 2005. Disponível em: <<http://www.inmetro.gov.br/legislacao/rtac/pdf/RTAC000946.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

ORTÊNCIO, B. *Cartilha do Folclore Brasileiro*. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

PAIXÃO CÔRTEZ, J. C. *Danças Birivas do Tropeirismo Gaúcho*. Porto Alegre: CORAG, 2000.

RIBEIRO, S. S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano*. 2012. 752 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

RIBEIRO, J. et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1977.

SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Ed. Livraria Acadêmica, 1969.

STADEN, H. *Viagem ao Brasil: versão do texto de Marburgo de 1557 de Alberto Löfgren*, revista e anotada por Theodoro Sampaio. Tradução de Alberto Löfgren. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira II / História, 1930. Disponível em: <<https://tendimag.files.wordpress.com/2012/12/hans-staden-viagem-ao-brasil-1930.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

SILVA PINTO, L. M. da S. *Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz*. Na Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

**Recebido em:** 22/09/2017

**Aprovado em:** 19/02/2018